

REVISTAS FILOSÓFICAS EM PORTUGAL*

Pedro Calafate

É nossa intenção, no presente artigo, elaborar um levantamento das publicações portuguesas de índole filosófica, na convicção de que um estudo desta natureza se reveste da maior importância para a actividade dos nossos investigadores e estudiosos.

Na realidade, o panorama intelectual português conheceu, desde o início do século XVIII, um numeroso conjunto de iniciativas neste domínio, expressão de uma vitalidade muitas vezes ignorada e que se pretende, deste modo, pôr a descoberto. Muitos dos títulos aqui incluídos, possivelmente devido à sua efémera duração, são quase desconhecidos dos investigadores e, no entanto, neles colaboraram os mais relevantes nomes da inteligência filosófica portuguesa, como não será difícil verificar pela leitura das páginas que se seguem.

Aqui se incluem títulos de publicações estritamente filosóficas a par de outros que se revestem de um carácter mais amplo no domínio da cultura, mas nos quais a produção filosófica está também presente, indicando-se, sempre que possível, o nome dos respectivos colaboradores. Trata-se, por isso, de um trabalho de âmbito essencialmente bibliográfico, mas que adquire a dimensão de um suporte que nos parece de utilidade para a investigação no campo da filosofia em Portugal.

* Desejamos expressar os nossos agradecimentos ao Dr. António Braz Teixeira que, generosamente, nos franqueou a vastíssima informação de que dispõe, indispensável à elaboração do presente texto.

Pode considerar-se que uma das primeiras revistas filosóficas em Portugal, com carácter periódico, foi o *Jornal Enciclopédico*, editado na segunda metade do século XVIII, em plena vigência das Luzes. Dando expressão ao conceito iluminista de filosofia, entendida como meio omnicompreensivo, e ao pendor enciclopédico da cultura da época, foi uma importante tribuna de divulgação das conquistas culturais dos "Modernos" em todos os domínios do saber, embora com maior incidência nos problemas de carácter científico e económico, sem contudo desprezar as áreas do Direito e da Filosofia Moral.

Este mesmo afã de divulgação das conquistas do progresso civilizacional, no âmbito da cultura e do saber, marcou algumas das mais importantes publicações periódicas da centúria seguinte, como é o caso do *Panorama, Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, editado semanalmente em Lisboa, a partir de 1837. A referida sociedade era presidida por Anselmo José Bramcaamp, sendo o jornal dirigido por M.A. Viana Pedra, João Baptista Massa e Félix da Costa Pinto. Perseguiu um ideal de divulgação e, sobretudo, de instrução e pedagogismo social, que animou parte considerável das mentes cultas do nosso século XIX, visando a ascensão do indivíduo ao estado de cidadania.

O ano de 1852 ficou assinalado pelo início da publicação de dois títulos, um de efémera existência e outro ainda em publicação. Referimo-nos, no primeiro caso, à revista *A Península*, editada no Porto entre 1852 e 1853, onde encontramos textos de interesse filosófico da autoria de Amorim Viana, Ribeiro da Costa e Almeida e de Custódio José Vieira. No segundo caso encontra-se a revista *O Instituto*, editada em Coimbra de 1852 aos nossos dias, contando com a colaboração filosófica, entre outros de Amorim Viana, Antero de Quental, Faria e Maia, Manuel Emídio Garcia, Joaquim de Carvalho, Vieira de Almeida, Sílvio Lima, Agostinho da Silva e Alexandre Fradique Morujão.

Na continuidade do periódico *O Panorama* situou-se, embora em plano de bem maior profundidade e importância a revista *A Renascença, órgão dos trabalhos da geração moderna* (1878-79), editada na cidade do Porto e dirigida por Joaquim de Araujo, na qual viriam a colaborar os mais destacados membros da Geração de 70, como Teófilo Braga, F. Adolfo Coelho, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Eça de Queirós, contando ainda com nomes como os de Amorim Viana e Alexandre Herculano. O objectivo declarado da *Renascença* era, escreve-se no manifesto de apresentação, "dinamizar o movimento de renovação iniciado com a carta *Bom senso e bom gosto*", à luz do que se considerava ser "o

espírito filosófico moderno", submetendo-lhe os domínios da poesia, da história, da crítica literária, da antropologia e da linguística.

Se o objectivo do *Panorama* era, como aí se lê, o "o copioso derramamento de conhecimentos úteis, a *Renascença* vai mais longe – quer representar a época que vamos atravessando, com todas as suas tendências e com todas as suas aspirações".

Não esteve distante deste o objectivo a revista *O Ocidente* (1878-1914), que soube aliar os propósitos da divulgação científica aos da discussão filosófica e cultural, nela colaborando, desde o seu início, Antero de Quental, Oliveira Martins, Guilherme de Azevedo e outros vultos da Geração de 70.

Atendendo, por seu turno, ao domínio do positivismo no ensino universitário e à sua receptividade em sectores importantes da nossa Intelligência, não será de estranhar a edição de algumas revistas destinadas a difundir a filosofia positivista. Importa destacar, entre as mais importantes, *O Pantheon*, revista quinzenal de ciências e letras aparecida na cidade do Porto em 1880. Foi dirigida por J. Leite de Vasconcellos e Montalverne de Sequeira, e da lista dos colaboradores permanentes constam, entre outros, Teófilo Braga, Teixeira Bastos, Guerra Junqueiro, F. Adolfo Coelho e Martins Sarmiento. Fundada no seio da classe académica portuguesa, foi seu propósito "acompanhar o movimento intelectual moderno" à luz do que se considerava ser o ideal de "positividade". Na sequência do *Pantheon* surgirá, em 1882, a revista *O Positivismo*, dirigida por Teófilo Braga e Júlio de Matos, contando entre os seus colaboradores com Teixeira Bastos, Consiglieri Pedroso e Horácio Ferrari.

No mesmo âmbito são de destacar ainda as revistas *Era Nova* (Lisboa, 1880-1881), dirigida mais uma vez por Teófilo Braga com a colaboração de Teixeira Bastos, e a *Revista de Estudos Livres* (Lisboa 1883), dirigida por Teófilo Braga, Teixeira Bastos, Sílvio Romero, Américo Brasiliense e Carlos Koseritz. Esta revista, embora de duração efémera, deve ser assinalada do ponto de vista das relações culturais luso-brasileiras, pois nela colaboraram elementos destacados da filosofia brasileira da época, com destaque para Tobias Barreto, que aí publicou, em três fascículos, um importante estudo sobre a "literatura clássica alemã", para além de Sílvio Romero e Clóvis Bevilacqua. Entre os colaboradores portugueses da *Revista de Estudos Livres* importa nomear Teófilo Braga, Teixeira Bastos, Moniz Barreto, Júlio de Matos e Oliveira Martins.

Por seu turno, reflectindo as preocupações crescentes pelo problema da educação, situa-se a *Revista de Educação e Ensino* (1885-1896), dirigida por Ferreira Deusdado, publicada semanalmente em Lisboa. Nela

se encontram, de forma irregular, textos relevantes no âmbito da filosofia da educação, nomeadamente de Antero de Quental.

A segunda metade do século XIX em Portugal conheceu uma enorme profusão de publicações periódicas entre jornais e revistas, muitas vezes mais vocacionadas para o propagandismo crítico e de intervenção política ou para o plano literário, do que propriamente para a reflexão filosófica. Não significa isso que nelas se não possa encontrar, embora de forma irregular, artigos e estudos marcantes no campo da filosofia, assinados nomeadamente por Antero de Quental e Oliveira Martins entre outros, à semelhança do que sucederá, já no período republicano, com Leonardo Coimbra. Registe-se, neste caso e para o século XIX, periódicos como *O Fósforo*, a *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós ou ainda *A Província*, fundada e dirigida por Oliveira Martins.

Entrando já na presente centúria emerge destacada a revista *A Águia* (cinco séries, 1910-1932), fundada e dirigida por Teixeira de Pascoaes e inspirada pelos intelectuais reunidos em torno da sociedade portuense "A Renascença Portuguesa". Embora dando expressão a tendências plurais, corporizou, a partir da segunda série, o movimento poético e filosófico do "saudosismo". Contou, entre os seus colaboradores, com os vultos mais eminentes da cultura portuguesa da época, destacando-se, para além de Pascoais, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Raul Proença, Sampaio Bruno, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Mário Beirão, António Correia de Oliveira e ainda António Sérgio, este último como voz crítica e dissonante perante o saudosismo de Pascoais, acabando por concretizar essa discordância na fundação, em 1918, da revista *Pela Grei*. Durante a década de 20, *A Águia* esteve estreitamente ligada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A citada revista fundada por António Sérgio, de que saíram sete números (1918-1919), segue uma linha de pedagogismo e reformismo social de evidente coordenada ética. Com efeito, para o seu director, a "grei" não se entende como o somatório das gentes mas como o aspecto moral que dela faz um todo com sentimentos, ideias e aspirações comuns, e daí uma atenção permanente perante os "problemas colectivos", muito para além da mera política partidária em que se degladiava o regime republicano. Criar, acima dos partidos, uma força moral na sociedade portuguesa, estruturar uma opinião pública e uma "consciência de Grei", tal foi o objectivo perseguido pela revista. Daí os vários artigos dedicados à articulação entre "opinião pública" e "democracia", à análise da situação "moral e social" do país, complementados com estudos pormenorizados sobre a nossa evolução no âmbito da economia e da demografia.

Esta segunda década da I República verá ainda a publicação de um título de duração breve, a revista *Dyonisos* (1912-1928), de inspiração coimbrã e dirigida por Aarão Lacerda e João Lebre e Lima. Contou com a participação de vultos proeminentes da nossa cultura filosófica. Refiram-se, a título indicativo, os artigos de Mendes Correia sobre teoria do conhecimento, os trabalhos de Silva Gaio sobre a "educação clássica", de Paulo Merêa sobre filosofia do direito ou ainda de Agostinho da Silva sobre O. Spengler.

Refira-se finalmente, para a segunda década do nosso século, o aparecimento da *Nação Portuguesa* (Lisboa, 1914 e seguintes), ligada ao movimento integralista e dirigida por António Sardinha e Manuel Múrias.

A década de 20 verá nascer a revista *Seara Nova*, fundada em 1921 em torno do chamado "grupo da Biblioteca Nacional", instituição dirigida, desde 1919, por Jaime Cortesão. Com uma existência de quase sete décadas, nela colaboraram, para além de Cortesão, Aquilino Ribeiro, Raúl Proença, Hernani Cidade, Augusto Casimiro, Teixeira Gomes e aquele que nela viria a assumir maior proeminência: António Sérgio, que nas suas páginas alimentou parte considerável das suas polémicas. Em termos de caracterização, necessariamente genérica, a revista *Seara Nova* reuniu os intelectuais que de algum modo se situavam na continuidade da linha de acção e de reforma cultural iniciada pelo iluminismo setecentista, com expressão na centúria seguinte em temas como o do progresso infinito, com valorização axiomática da Ciência e do naturalismo científico como núcleo dinâmico duma reforma da cultura e das mentalidades. Cumpre referir que, durante a vigência do Estado Novo, se assumiu como importante tribuna na divulgação dos ideais democráticos.

Ainda na década de 20 deve destacar-se a revista coimbrã *Presença* (1927-1940), cujo objectivo foi dar alento ao movimento de renovação estética designado por "modernismo". A temática dominante foi sem dúvida a estética literária e só indirectamente a poderemos considerar entre as nossas revistas filosóficas. Todavia, corporizou, como ponto de chegada, um importante movimento de irreverência e transformação cultural, iniciado anos antes com o designado "primeiro modernismo", em torno da revista *Orpheu* (2 números, 1915), *Centauro* (1 número, 1916) e *Athena* (1924-1925) entre outras, associado a nomes como Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Entre a colaboração filosófica de maior relevo na *Presença*, encontramos artigos de Delfim Santos, José Marinho, Raúl Leal e José Bacelar.

É ainda este o período em que se assiste à fundação de duas revistas universitárias de carácter interdepartamental, nas quais a filosofia ocupou

lugar saliente. Referimo-nos à *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (1920-1923) e à *Biblos* (1925 até à actualidade). A primeira era mais uma expressão da vitalidade cultural que então emergia da academia portuense, contando, na sua comissão de redacção, com Leonardo Coimbra, Hernâni Cidade e Mendes Corrêa. Foi no primeiro número dessa revista que Leonardo Coimbra publicou o seu importante estudo sobre "O Problema da Indução". É de referir ainda o número 5 desta publicação, onde se inclui mais um estudo de Leonardo Coimbra que analisa a contribuição das modernas teorias científicas para o que designava como uma "concepção espiritualista do universo". Neste estudo desenvolve a sua teoria da realidade entendida como "actividade e liberdade" do pensamento, no quadro mais vasto de uma crítica às incongruências do mecanicismo e de uma aproximação ao pensamento kantiano. Um ano após a fundação da referida revista universitária, surge, em 1921, impulsionada por antigos alunos da Faculdade de Letras do Porto, a revista *A Crisálida/A Nossa Revista* (dirigida por Baltasar Cardoso Valente), a qual contou também com a colaboração filosófica José Marinho e de Leonardo Coimbra. Deve salientar-se aí o estudo de José Marinho, nos números 6/7 dedicado à análise das relações entre o Logos e a Liberdade, e os três trabalhos de Leonardo Coimbra, sobre a ideia de tempo na Física de Einstein (nº 3), sobre o amor em Platão (nº 4) e sobre o espírito do cristianismo (nº 6/7).

Quanto à *Biblos* (Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), inicialmente dirigida por Mendes dos Remédios, constitui uma das mais prestigiadas revistas universitárias do actual panorama cultural português, projectando a investigação académica da Universidade de Coimbra. Tomando por referência os últimos treze anos, encontramos a colaboração activa de Miguel Batista Pereira com estudos sobre a filosofia contemporânea nomeadamente sobre o pensamento de Heidegger e Jean Paul Sartre; de Fernando Catroga sobre Antero de Quental, mais especificamente no que concerne ao conceito de evolução e à metafísica indutiva no pensamento anterior; no âmbito da lógica aí se incluem vários estudos de Amândio Augusto Coxito, nomeadamente sobre o conceito de método na dialéctica renascentista de Frei Francisco de Cristo, e sobre os conceitos de "suppositio" e "significatio" em Pedro Hispano; o mesmo Pedro Hispano é ainda merecedor da análise de Manuel Augusto Rodrigues, que estuda o seu pensamento teológico e místico. São ainda de destacar os estudos de Cerqueira Gonçalves sobre a interpretação cristã da categoria da "relação", e sobre a "filosofia da paz"; de Francisco da Gama Caeiro sobre o lugar de Miranda Barbosa na

filosofia portuguesa contemporânea; de M. da Costa Freitas sobre Santo Anselmo; de Gustavo de Fraga sobre a fenomenologia e de António José de Brito sobre os "juízos de existência", referências mais do que suficientes para fazer da *Biblos* uma tribuna de inquestionável valor no âmbito da actividade filosófica portuguesa.

Cinco anos após a fundação da *Biblos* surge no nosso panorama cultural a *Princípio* (Porto 1930), dirigida pelo filósofo e pedagogo Álvaro Ribeiro, impulsionador do movimento da "filosofia portuguesa", onde, apesar da sua efémera duração, encontramos colaboração filosófica assinada por José Marinho e Delfim Santos.

Esta mesma década de 30 conhecerá a edição de mais uma revista universitária de carácter interdepartamental, destinada também ela a grande projecção futura, a *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa, 1933 até à actualidade), publicada pela Faculdade de Letras de Lisboa, que nos oferece um valioso testemunho da actividade filosófica no âmbito escolar, sobretudo a partir de 1957, ano que marca a independência do 6 Grupo (Filosofia) e, conseqüentemente, a autonomia curricular da Filosofia, suprimida desde a reforma de 1926. O estudo da colaboração de interesse filosófico veiculado pelas páginas da *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade de Lisboa, até ao ano de 1983, foi exaustivamente elaborado por Francisco da Gama Caeiro, em artigo intitulado *Da Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa*, editado no número comemorativo dos cinquenta anos da sua publicação (Lisboa, 1983), pelo que, sobre o período referido, mais não cumpre dizer. Assim, tomando como referência os anos posteriores a 83, a Filosofia continuou a encontrar nas páginas da revista um espaço relevante com colaboração, no âmbito da lógica, de Manuel dos Santos Lourenço, sobre o conceito de identidade na teoria clássica da dedução; de Cristina Beckert de Assunção e Carlos João Nunes Correia sobre a hermenêutica contemporânea; de Francisco da Gama Caeiro e Joaquim Cerqueira Gonçalves no âmbito da mesa redonda sobre Literatura e Hermenêutica, publicada no nº 12, 5ª série (Lisboa 1989), de José Barata Moura sobre as condições de possibilidade da História das Ideias como disciplina do saber, de Leonel Ribeiro dos Santos sobre Descartes e a concepção moderna da analogia e de Adriana Veríssimo Serrão sobre Feuerbach e a filosofia do Renascimento.

Registemos ainda, nos anos trinta, o aparecimento de uma revista de dominância literária, mas que não deixou de evidenciar colaboração filosófica de interesse. Falamos da *Revista de Portugal* (Coimbra 1937), dirigida por Vitorino Nemésio, que reedita assim o título da publicação dirigida por Eça de Queiroz na centúria anterior. Aí publicou Delfim Santos o

seu estudo recentemente reeditado sobre Heidegger e Hölderlin, e Magalhães Vilhena uma primeira abordagem à sua futura obra sobre a história da ideia de progresso. Para além dos dois autores citados, regista ainda a colaboração de António Sérgio, com uma análise dos sonetos de Antero, de José Marinho com um estudo sobre o "juízo tácito" e de Vieira de Almeida sobre a "veritas latina".

O início da década de quarenta assiste ao aparecimento da revista coimbrã *Vértice* (1942 até à actualidade), que corporizará um espaço de opinião em clara oposição à política cultural vigente durante o Estado Novo, em áreas próxima das correntes marxistas. Foi nas suas páginas que se desenrolou a interessante polémica entre António Sérgio e Bento Caraça sobre a natureza e o valor da ciência, nos anos 1945-46. De registar a colaboração de autores como Vieira de Almeida, Egídio Namorado, Alberto Ferreira, José Pecegueiro, Eduardo Lourenço, José Barata Moura, Adriana Veríssimo Serrão e Eduardo Chitas.

Um ano mais tarde saiu a público a *Gazeta de Filosofia* (1943-44), revista de existência efémera (apenas três números), mas que contou com a colaboração, entre outros, de Vieira de Almeida e de V. Magalhães Vilhena.

Assume especial relevo o aparecimento, em 1925, da nova série da *Brotéria* (Fé-Ciências-Letras, posteriormente com o subtítulo Cultura e Informação), e da *Revista Portuguesa de Filosofia* (1945 até à actualidade). Ambos os títulos reflectem o esforço cultural e filosófico da Companhia de Jesus no panorama português contemporâneo. Nelas se identifica a permanente abertura e discussão das grandes questões do pensamento contemporâneo, à luz da orientação fundamental de cada uma destas publicações: o personalismo cristão. Tanto a *Brotéria* como a *R.P.F.* nasceram a partir de um comum projecto pedagógico, sustentado pela concepção Inaciana da filosofia, a primeira como órgão dos jesuítas portugueses, a segunda a partir da actividade docente do Instituto de Filosofia Beato Miguel de Carvalho, embrião da futura Faculdade Pontifícia (Braga 1947).

A *Brotéria* começou por protagonizar a luta de minorias intelectuais católicas, com destaque para Domingos Maurício Gomes dos Santos, João Pereira Gomes e António Banha de Andrade, num esforço de valorização da actividade histórico-cultural da Companhia e, por ela, de revisão da imagem da história pátria, enegrecida pela tese da decadência veiculada pelos manifestos pombalinos e, já neste século, por António Sérgio e Hernâni Cidade. Como suporte fundante deste propósito encontrava-se a valorização da metafísica e mais propriamente da designada "Segunda

Escolástica" peninsular, protagonizada pelos Conimbricenses e pelos mestres da Universidade de Évora. Mais tarde, já sob a direcção do Padre Manuel Antunes e até ao momento presente (1992), afirmou-se como tribuna de discussão e crítica dos grandes temas do pensamento contemporâneo, à luz do ideário permanente de um humanismo integral e do "conceito global e cristão de homem".

As mesmas directrizes assistem à *R.P.F.*, correspondendo, desde a sua fundação em 1945, ao propósito de apreciação dos grandes problemas humanos "da vida presente, à luz da metafísica, que aponta ao espírito as razões últimas dos seres em sua essência, finalidades e condicionalismo, anunciando [...] a mensagem pacífica da Neo-Escolástica, ou seja, a escolástica renovada nas suas grandes correntes – tomista, escotista e suareziana [...]". É esta a linha de orientação permanente da *R.P.F.* a que poderíamos juntar, o propósito de "constante e permanente actualização" e a "valorização do pensamento português" como directrizes fundamentais. Está fora dos nossos propósitos a inventariação da longa lista de colaboradores e estudos de relevância para a filosofia em Portugal. Esse trabalho está feito, para os anos de 1945 a 1974, com a publicação do volume de índices dos trinta volumes então publicados, com índice alfabético de autores e índice sistemático. Importa, no entanto, chamar a atenção para os números especiais que constituem marcos dos estudos de filosofia, abarcando, entre outros, a obra de Pedro Hispano, Francisco Sanches, Pedro da Fonseca, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, Inácio Monteiro, Platão, Santo Agostinho, Séneca, Escoto, Cusa, Teilhard de Chardin, Kant, Hegel e Leonardo Coimbra. Não devemos esquecer ainda a publicação das actas do primeiro congresso nacional de Filosofia (1955), as actas do primeiro congresso luso-brasileiro de Filosofia (1982), as actas do colóquio luso-austriaco sobre Ludwig Wittgenstein (1982) e as actas do II colóquio português de fenomenologia.

Na mesma linha de valorização da filosofia escolástica encontramos a revista *Filosofia* (1954-1961), publicação trimestral editada pelo Centro de Estudos Escolásticos. Nascida em torno de um grupo de alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, contou com a direcção de António Banha de Andrade e Maria Manuela Saraiva. Foi intenção dos seus fundadores dar continuidade à tradição filosófica interrompida pela reforma pom-balina, conservando, por isso, um fundo escolástico, de feição agostiniana e tomista. Nela colaboraram Diamantino Martins, A. Miranda Barbosa, João Ferreira, Júlio Fragata, Alexandre Fradique Morujão e António Banha de Andrade.

A década de quarenta foi particularmente fecunda na criação de revistas com relevo no panorama dos nossos estudos filosóficos, pois é nesse período que se dá o aparecimento de títulos como *Atlântico* (Lisboa e Rio de Janeiro, 1942 e seguintes) dirigida por António Ferro e Lourival Fontes e com colaboração filosófica de Álvaro Ribeiro, Eudoro de Sousa, Delfim Santos e Vieira de Almeida; *Litoral* (Lisboa, 1944-1945), dirigida por Carlos Queiroz, com colaboração filosófica de Álvaro Ribeiro, José Marinho, Delfim Santos, Eudoro de Sousa, António José Brandão e Augusto Saraiva; *Rumo* (Lisboa, 1946), dirigida por Mário de Albuquerque, com colaboração filosófica de Delfim Santos, Cabral de Moncada, António José Brandão, Eudoro de Sousa, Afonso Botelho, Délio Nobre dos Santos e Luis Ribeiro Soares; *Cidade Nova* (Coimbra, 1947 e seguintes), dirigida por Carlos Amado e com colaboração filosófica de Álvaro Ribeiro, Afonso Botelho, António Dias de Magalhães e António José Brandão.

Sublinhe-se finalmente que ainda nos anos quarenta surge o *Boletim do Ministério da Justiça* (Lisboa, 1947 e seguintes), o qual, nos primeiros anos da sua existência, inclui preciosa colaboração filosófica, com destaque para a filosofia do direito, em estudos de Luis Cabral de Moncada, António José Brandão, Carlos Cossio, Giorgio del Vecchio, António Truyol y Serra, Delfim Santos, Luis Legaz y Lacambra, Miguel Reale, António Silva Leal e António Braz Teixeira.

Em 1951 surge a *Revista Filosófica*, editada em Coimbra até 1959, com direcção do Prof. Joaquim de Carvalho. O prestígio de Joaquim de Carvalho esteve ainda na base da publicação da *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho* (Figueira da Foz, 1959-1963), publicação de incidência estritamente filosófica, notando-se especial incidência na análise da filosofia alemã.

Refira-se ainda nesta década de cinquenta a fundação da *Itinerarium* (1955 até à actualidade). Constituiu-se, desde o seu início, em revista de cultura dos Franciscanos de Portugal e é herdeira da anterior *Colectânea de Estudos*, lançada em 1946 pelo Padre F. Félix Lopes e pelo Padre António Joaquim Dias, a qual retomava, em bases mais sólidas, anteriores iniciativas dos Franciscanos portugueses, como a das revistas *Voz de Santo António* (1895-1910) e *Portugal Franciscano* (1940-1941). A escolha do título é reveladora de uma orientação, pois se inspira na obra de São Boaventura *Itinerarium mentis in Deum*, colocando-se assim sob o patrocínio do Doutor Seráfico. A preocupação essencial da publicação passa pelos problemas da situação da Igreja no mundo, com especial relevo para a abertura desta perante os grandes temas da Cultura. As áreas

nais versadas são a Filosofia, a Teologia, o Franciscanismo e a História, sem esquecer a Filologia Clássica, abordada em numerosos artigos do Padre Dias Palmeira. No âmbito estrito da Filosofia, os temas mais abordados são a Ontologia e Antropologia Filosófica, a Ética, a Teologia Filosófica, a História da Filosofia e a Filosofia Portuguesa, esta última tematizada em numerosos estudos do Padre João Ferreira. No que concerne à edição de números especiais, importa salientar os números 52 e 53 de 1966 que incluem vários trabalhos comemorativos do 7º centenário do nascimento de Duns Escoto, com estudos de Joaquim Cerqueira Gonçalves, Manuel da Costa Freitas e Ilídio de Sousa Ribeiro, e ainda os números 110-111, de 1981, assinalando a passagem dos 750 anos da morte de Santo António, com artigos de Francisco da Gama Caeiro, Maria Cândida Pacheco, Henrique Pinto Rema, Carlos do Carmo Silva, Maria de Lurdes Sirgado Ganho, Mário Martins e Martim de Albuquerque. A partir de 1958 foi lançada a série *Cadernos de Cultura Filosófica*, reunindo separatas da *Itinerarium* em colecção temática.

Deve destacar-se ainda, neste período, o aparecimento das revistas 57 (1957-62) e *Espiral* (1964-66), dirigidas por António Quadros, projectando-se como órgãos do "grupo da filosofia portuguesa". A década de cinquenta conhecerá também o aparecimento da *Acto* (Lisboa, 1951-1952), dirigida por António Quadros e Orlando Vitorino, onde, para além de artigos de Ortega y Gasset e de Benedetto Croce se inclui colaboração filosófica de Álvaro Ribeiro, José Marinho, Delfim Santos, Raúl Leal e António Quadros.

Dois anos mais tarde, em 1954, surge a *Esmeraldo* (Lisboa, 1954-1956), com direcção de Luis Ribeiro Soares e colaboração filosófica de Gustavo de Fraga, Eduardo Soveral e António Braz Teixeira.

O ano de 1957 marca o aparecimento da *Rumo* (Lisboa, 1957), dirigida por Mário Pacheco, com colaboração de António Quadros, Henrique Barrilaro Ruas e Afonso Botelho, seguida, em 1959, pela criação da revista *Tempo Presente* (Lisboa, 1959), com direcção de Fernando Guedes e com a colaboração de Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro e Raúl Leal.

É nesta mesma época que surge, anexo à Universidade do Porto, o Boletim do Centro de Estudos Humanísticos, *Stvdiium Generale*, com colaboração filosófica dispersa mas de reconhecido mérito, como a do vol. VIII (1959) com as actas do I Colóquio de Estudos Filosóficos (História da Filosofia em Portugal).

Cingindo-nos às décadas mais recentes temos de salientar mais uma revista universitária e interdepartamental: *Arquipélago*, revista da Uni-

versidade dos Açores (1979 até à actualidade), dirigida por José Enes, contando com uma série específica dedicada à História e à Filosofia, iniciada em 1985. Inclui trabalhos, entre outros, de José Enes, Gustavo de Fraga, Michel Renaud e Maria do Céu Neves. A partir de 1990 verifica-se a autonomia da série dedicada à Filosofia, com dois volumes publicados até ao momento e contando com a colaboração, entre outros, de José Enes sobre noeticidade e hermenêutica, de José Luis Brandão da Luz sobre Piaget e a filosofia moderna do conhecimento, de Carlos Pacheco Amaral, sobre Maquiavel, de Eduardo Ferraz da Rosa sobre linguagem e ser em José Enes, de Gustavo de Fraga, que analisa a obra de Galileu (nº 1), de Manuel Cândido com um estudo sobre Leonardo Coimbra (nº 2/3), de Leonel Ribeiro dos Santos sobre o sentimento do sublime e suas relações com a moral em Kant (nº 2/3), de Gabriela Castro sobre a narrativa, o trágico e o ético em Paul Ricoeur (nº 2/3), ou ainda de Isabel Carmelo Rosa Renaud, sobre Merleau-Ponty e o destino da filosofia (nº 2/3).

Também a Universidade do Porto, através da sua Faculdade de Letras se tem responsabilizado pela edição de uma série específica dedicada à filosofia (1970 até à actualidade) da sua *Revista da Faculdade de Letras*, série actualmente coordenada por Maria Carmelita Homem de Sousa e Luis Araújo. Traduz a pluralidade das tendências vigentes no ensino da Filosofia naquela Faculdade, embora aberta a colaboradores exteriores, como é o caso, embora esporádico, de Joaquim Cerqueira Gonçalves e de Fernando Gil. No âmbito da mesma Faculdade surge, em 1991, a revista *Mediaevalia*, dirigida por Maria Cândida Pacheco e especificamente voltada para estudos de filosofia medieval, no âmbito do mestrado em filosofia medieval, vigente naquela faculdade.

A partir do ano 1980, o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto tem vindo a editar a *Humanística e Teologia*. Com carta de apresentação redigida por D. António, Bispo do Porto, é seu propósito o aprofundamento do domínio das ciências humanas "ordenadas para a filosofia e por ela superiormente regidas como primeira e mais alta ciência humana que tem de ser, enquanto o homem for homem".

Situando-se na mesma área de preocupações está a *Didaskalia* (1971 até à actualidade), revista da Faculdade de Teologia de Lisboa da Universidade Católica, dirigida por Joaquim de Oliveira Bragança. Esta publicação integra-se claramente no esforço actual de renovação da teologia, em diálogo constante com as ciências humanas e muito particularmente com a filosofia. Daí que conte, entre os seus vários números, com importantes estudos no âmbito da filosofia medieval, nomeadamente o volume XIX de 1989, totalmente dedicado a Santo Agostinho, a propósito do sexto centenário da sua conversão.

O ano 1977 foi assinalado pelo início da publicação de dois títulos, um mais circunscrito ao âmbito disciplinar da Filosofia e outro orientado para o domínio da História das Ideias: referimo-nos, respectivamente, à *Revista de Filosofia e Epistemologia* (1977-1984), dirigida por M.M. Carrilho, com clara incidência na análise do pensamento filosófico contemporâneo, e à *Revista de História das Ideias*, publicada pela Univ. de Coimbra. Fundada por J. Sebastião da Silva Dias e actualmente dirigida por J. Reis Torgal, reflecte nos primeiros dois números a orientação marcante do seu fundador, com clara incidência no estudo do pensamento português no período Oitocentista. O nº 3 abre-se ao estudo do período "Moderno" com incidência no Humanismo renascentista e no Iluminismo. De então para cá deve destacar-se o conjunto de números especiais dedicados ao Marquês de Pombal (nº 4), a António Sérgio (nº 5), as actas do colóquio "A Revolução Francesa e a Península Ibérica" (nº 10) e ainda o nº 13, dedicado a Antero de Quental.

Publicação de carácter similar à que acaba de citar-se é a *Cultura, História e Filosofia* (1982 até à actualidade), igualmente inspirada por J. da Silva Dias. Situando-se no âmbito disciplinar da História das Ideias, é da responsabilidade do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa. Em torno de alguns docentes do Departamento de Filosofia dessa mesma Faculdade surgiu, em 1984, a revista *Análise*, propriedade do Gabinete de Filosofia do Conhecimento anexo à F.C.S.H. da U.N.L. É dirigida por Fernando Gil, notando-se uma especial incidência no estudo dos grandes temas da filosofia contemporânea. O mesmo sucede com a revista *Crítica*, fundada e dirigida por Manuel M. Carrilho, que se apresenta como órgão do Núcleo de Estudos Pragmáticos da Universidade Nova de Lisboa, que tem dado difusão às perspectivas do pragmatismo, da filosofia analítica e da "nova retórica", e com a revista *Argumento* (Lisboa, 1991), dirigida por António Marques. Deve destacar-se, a propósito da *Argumento*, o nº 3, dedicado a Kant, a propósito dos duzentos anos da *Crítica da Faculdade do Juízo*. Também no caso da *Crítica*, cabe referir o nº 10 dedicado ao tema das relações entre conhecimento e linguagem na perspectiva da filosofia analítica, com estudos de João Branquinho, António Zilhão, João Sá Águas, Adriana Silva Graça e François Recanati. Os números anteriores versaram os seguintes temas: Em torno de Karl Popper(1), Filosofia e Pós-Modernidade(2), Filosofia e Política(3), Perspectivas da Racionalidade(4), Estéticas da Pós-Modernidade(5), Wittgenstein, a Linguagem e a Filosofia(6), Teoria Literária e Crítica da Estética(7), Retórica(8), Perspectivismo(9).

Ligada ao Departamento de Comunicação Social da UNL, surge, em 1985, a *Revista de Comunicação e Linguagem*, que inclui, entre os dez volumes já publicados, dois que abordam temas de relevância filosófica. Estamos a pensar no nº 6/7, dedicado ao tema da "Modernidade/Pos-Modernidade", coordenado por António Duarte Rodrigues e José Bragança de Miranda, e no nº 12/13, dedicado ao tema da "Experiência Estética", coordenado por Emídio Rosa de Oliveira e Maria Teresa Cruz.

Recuando um pouco até ao início dos anos oitenta, assistimos à criação da *Nova Renascença* (Porto, 1980), dirigida por José Augusto Seabra. O seu objectivo principal foi retomar a herança da "Renascença Portuguesa", nas suas manifestações literárias, artísticas e filosóficas, numa simbiose entre as raízes civilizacionais do homem português e a modernidade mais actualizada. Daí que os seus fundadores se considerem igualmente herdeiros da linha cultural da revista *A Águia*, manifestando uma clara incidência na análise do pensamento de Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa, ou ainda na análise da temática do saudosismo, em artigos assinados por Pinharanda Gomes, Sant'Ana Dionísio, Dalila Pereira da Costa, Agostinho da Silva, Manuel Ferreira Patrício e António Quadros. Nota-se ainda uma incidência no estabelecimento de pontes culturais e filosóficas com o espaço da língua portuguesa e afim, nomeadamente a Galiza e o Brasil, este último em interessantes análises de António Braz Teixeira, sobre convergências e especificidades das filosofias portuguesa e brasileira.

Voltada para o diálogo com um público extra universitário, foi criada em 1984 a *Logos* (Lisboa), com direcção de Adelino Cardoso, Carlos Fontes e Luis Pedro Morais, anteriormente ligados à revista *Filosofia Actual*, de que saíram apenas três números. Com relevância atribuída aos temas contemporâneos, a *Logos* apresenta um conjunto significativo de números temáticos de que destacamos o nº 5 dedicado ao tema do Progresso, com estudos de Viriato Soromenho Marques, Adriana Veríssimo Serrão e de Manuel José do Carmo Ferreira, e o nº 7, dedicado ao conceito de Europa, traduzindo, em parte, a dinâmica do seminário de mestrado em Filosofia leccionado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulado "A Europa na Cultura Europeia", regido por Manuel José do Carmo Ferreira. É ainda de sublinhar nesta publicação periódica o espaço quase permanente dedicado aos problemas do ensino da Filosofia, nomeadamente em artigos de José Barata-Moura e Maria Luísa Ribeiro Ferreira.

Um ano mais tarde, é criada a revista *Filosofia* (Lisboa, 1985), órgão da Sociedade Portuguesa de Filosofia. Voltada para a "polarização

dinamizadora do confronto de ideias", procura igualmente atender ao registo das acções promovidas pela referida Sociedade. Inclui já um número considerável de volumes temáticos, como o nº 2 dedicado a Espinosa; o nº 3 dedicado à filosofia alemã, com artigos de Oswaldo Market, António Marques, Maria Antónia Pacheco, Adriana Veríssimo Serrão, João Maria de Fritas Branco e João Branquinho; o nº 1/2 do vol. II dedicado ao ensino da Filosofia; o nº 1/2 do vol. III dedicado a Heidegger, e o nº 1/2 do vol. IV, sobre o tema "Razão e Justiça". Numa linha paralela, refira-se a revista *Filosofias* da Associação de Professores de Filosofia (Coimbra).

A área da filosofia do direito acaba de encontrar eco na criação, em 1986, da *Nomos-Revista Portuguesa de Filosofia do Direito*, fundada e dirigida por António Braz Teixeira, notando-se, nos oito números publicados até ao momento (1993), a incidência na fundamentação do conceito de justiça e na relação entre o direito e a moral, no direito natural, e, sobretudo, no lançamento de pontes com o pensamento filosófico-jurídico brasileiro, incluindo artigos de Miguel Reale, António Paim, Nelson Saldanha e Evaristo Morais Filho. Para além dos nomes referidos, conta entre os seus colaboradores com Alexandre Morujão, António José de Brito, Afonso Botelho, José Hermano Saraiva, José Preto e Mário Bigote Chorão.

O início da nossa década foi marcado pelo lançamento de mais um título de referência universitária, a *Revista Filosófica de Coimbra* (Coimbra, 1990), ligada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dirigida por Miguel Baptista Pereira, conta entre os seus colaboradores com Amândio Coxito, Francisco Vieira Jordão, António Manuel Martins, Marina R. Themudo, Encarnação Reis, Edmundo Balsemão Pires, Luisa Portocarrero F. Silva, Fernanda Bernardo e Fernando Ramos.

Refira-se, para terminar, o aparecimento da revista *Mathesis* (Viseu, 1992), dirigida por Manuel Pulquério, assumindo-se como órgão do Centro Regional de Viseu da Universidade Católica Portuguesa. Sem ser uma revista especificamente filosófica, orienta-se privilegiadamente para a promoção dos valores culturais de índole cristã, abordados em dois planos complementares: as línguas e culturas clássica e moderna, e a reflexão em torno da educação e da escola.

Após este excursus, porventura longo, abre-se-nos a perspectiva de uma actividade editorial intensa e febril. Muitos dos títulos aqui citados surgiram por impulso de um grupo irreverente, ou à margem das instituições, explicando-se, assim, a sua efémera duração. Verifica-se, pelo contrário, que as publicações mais persistentes são precisamente aquelas que

se revestem de carácter mais institucional, embora com as excepções que confirmam a regra. Como causa desta situação julgamos difícil não apontar, por um lado, o carácter muitas vezes "voluntarista" dos seus dinamizadores, e, por outro, a falta de um público numeroso e suficientemente interessado, capaz de absorver a expressão das múltiplas correntes de ideias que, entre nós, se foram progressivamente afirmando, situação que, nos últimos anos, parece conhecer alteração para melhor, a julgar pela persistência e pela multiplicação de títulos, não já de carácter cultural mais vasto, mas de âmbito estritamente filosófico.

RÉSUMÉ

Il s'agit d'une recension critique des revues philosophiques publiées au Portugal depuis le XVIIIème siècle jusqu'au présent. L'intention principale est celle de mettre à la disposition des étudiants et chercheurs un nombre significatif d'éléments bibliographiques d'indubitable importance, puisqu'on donne non seulement l'indication du titre, mais aussi les principaux collaborateurs, sans oublier les tendances plus marquantes des différentes revues.